



L. PORTUGUESA

1ª SÉRIE
Prof. CÉSAR MACHADO

Lista:

01

Data: 19 / 01 / 2022

Aluno (a):

Nº

01. A frase abaixo foi extraída de um anúncio que “vende” produto para pele:

Hoje você é uma uva.
Mas cuidado, uva passa.

(Cláudia, ago.1996)

a) Comente a superposição de funções gramaticais que recai sobre a palavra passa.

b) Explique os efeitos persuasivos provocados por essa superposição.

c) Discorra sobre a função da linguagem que predomina na frase.

02. Leia os textos e responda:

Texto I:

Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.

(Cruz e Souza, *Perante a morte.*)

Texto II:

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!

(Gonçalves Dias, *I Juca Pirama.*)

Texto III:

Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.

(Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos.*)

Texto IV:

Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...

(Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno.*)

Texto V:

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,



Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ... Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

(Castro Alves, *O navio negreiro*.)

Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos linguísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) II e V.
- d) III e V.
- e) IV e V.

03. O telefone tocou.

— Alô? Quem fala?

— Como? Com quem deseja falar?

— Quero falar com o sr. Samuel Cardoso.

— É ele mesmo. Quem fala, por obséquio?

— Não se lembra mais da minha voz, seu Samuel?

Faça um esforço.

— Lamento muito, minha senhora, mas não me lembro. Pode dizer-me de quem se trata?

(ANDRADE, C. D. *Contos de aprendiz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.)

Pela insistência em manter o contato entre o emissor e o receptor, predomina no texto a função:

- a) Metalinguística.
- b) Fática.
- c) Referencial.
- d) Emotiva.
- e) Conativa.

04. Para fazer um poema dadaísta

Pegue num jornal.

Pegue numa tesoura.

Escolha no jornal um artigo com o comprimento que pretende dar ao seu poema.

Recorte o artigo.

Em seguida, recorte cuidadosamente as palavras que compõem o artigo e coloque-as num saco.

Agite suavemente.

Depois, retire os recortes uns a seguir aos outros.

Transcreva-os escrupulosamente pela ordem que eles saíram do saco.

O poema parecer-se-á consigo.

E você será um escritor infinitamente original, de uma encantadora sensibilidade, ainda que incompreendido pelas pessoas vulgares.

(Tristan Tzara)

A metalinguagem, presente no poema de Tristan Tzara, também é encontrada de modo mais evidente em:

a) Receita de Herói

Tome-se um homem feito de nada

Como nós em tamanho natural

Embeba-se-lhe a carne

Lentamente

De uma certeza aguda, irracional

Intensa como o ódio ou como a fome.

Depois perto do fim

Agite-se um pendão

E toque-se um clarim

Serve-se morto.

FERREIRA, Reinaldo. *Receita de Herói*. In: GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.185.

b)

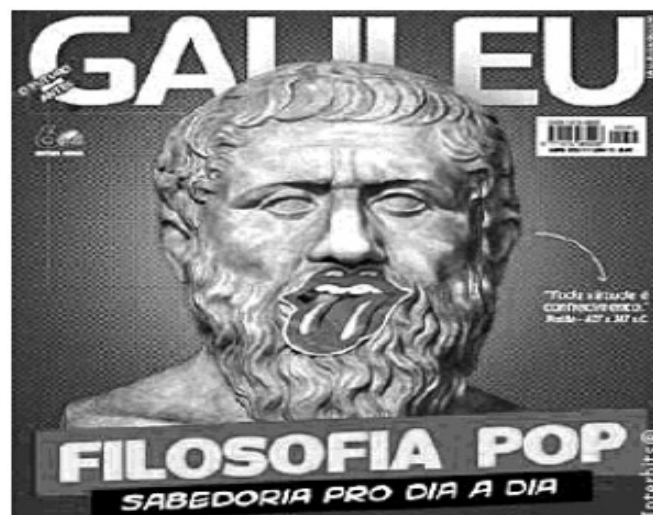
girafas africanas
como meus avós
quem me dera
ver o mundo
tão do alto
quanto vós

Paulo Leminski

c)



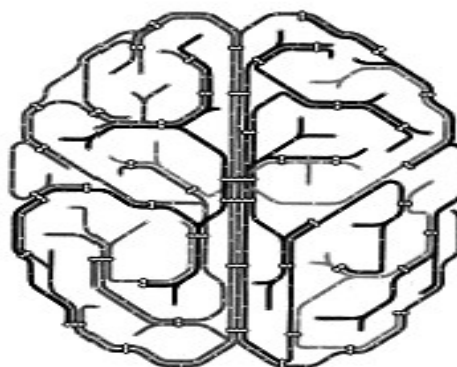
d)



e)

No futuro, redes de transporte pensarão por conta própria.

Interbits@



Os meios de transporte do futuro serão capazes de se adaptar às necessidades de deslocamento das pessoas. Por isso, o HSBC ajuda a financiar a evolução dos sistemas de transportes inteligentes ao redor do mundo. Um mundo novo está emergindo. Faça parte dele.

Saiba mais em hsbc.com.br/infuturo

HSBC

05. Disparidades raciais

Fator decisivo para a superação do sistema colonial, o fim do trabalho escravo foi seguido pela criação do mito da democracia racial no Brasil. Nutriu-se, desde então, a falsa ideia de que haveria no país um convívio cordial entre as diversas etnias.

Aos poucos, porém, pôde-se ver que a coexistência pouco hostil entre brancos e negros, por exemplo, mascarava a manutenção de uma descomunal desigualdade socioeconômica entre os dois grupos e não advinha de uma suposta divisão igualitária de oportunidades.

O cruzamento de alguns dados do último censo do IBGE relativos ao Rio de Janeiro permite dimensionar algumas dessas inequívocas diferenças. Em 91, o analfabetismo no Estado era 2,5 vezes maior entre negros do que entre brancos, e quase 60% da população negra com mais de 10 anos não havia conseguido ultrapassar a 4ª. série do 1º. grau, contra 39% dos brancos. Os números relativos ao ensino superior confirmam a cruel seletividade imposta pelo fator socioeconômico: até aquele ano, 12% dos brancos haviam concluído o 3º. Grau, contra só 2,5% dos negros.

É inegável que a discrepância racial vem diminuindo ao longo do século: o analfabetismo no Rio de Janeiro era muito maior entre negros com mais de 70 anos do que entre os de menos de 40 anos. Essa queda, porém, ainda não se traduziu numa proporcional equalização de oportunidades.

Considerando que o Rio de Janeiro é uma das unidades mais desenvolvidas do país e com acentuada tradição urbana, parece inevitável extrapolar para outras regiões a inquietação resultante desses dados.

(Folha de São Paulo, 9. de jun. de 1996. Adaptado).

Considerando as funções que a linguagem pode desempenhar, reconhecemos que, no texto acima, predomina a função:

- a) Apelativa: alguém pretende convencer o interlocutor acerca da superioridade de um produto.
- b) Expressiva: o autor tenciona apenas transparecer seus sentimentos e emoções pessoais.
- c) Fática: o propósito comunicativo em jogo é o de entrar em contato com o parceiro da interação.
- d) Estética: o autor tem a pretensão de despertar no leitor o prazer e a emoção da arte pela palavra.
- e) Referencial: o autor discorre acerca de um tema e expõe sobre ele considerações pertinentes.

06. Há o hipotétrico. O termo é novo, de impensada origem e ainda sem definição que lhe apanhe em todas as pétalas o significado. Sabe-se, só, que vem do bom português. Para a prática, tome-se hipotétrico querendo dizer: antipodático, senengraçanteimprizado; ou talvez, vicedito: indivíduo pedante, importuno agudo, falta de respeito para com a opinião alheia. Sob mais que, tratando-se de palavra inventada, e, como adiante se verá, embirrando o hipotétrico em não tolerar neologismos, começa ele por se negar nominalmente a própria existência.

(ROSA, G. *Tutameia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001) (fragmento).

Nesse trecho de uma obra de Guimarães Rosa, depreende-se a predominância de uma das funções da:

- a) Metalinguística, pois o trecho tem como propósito essencial usar a língua portuguesa para explicar a própria língua, por isso a utilização de vários sinônimos e definições.
- b) Referencial, pois o trecho tem como principal objetivo discorrer sobre um fato que não diz respeito ao escritor ou ao leitor, por isso o predomínio da terceira pessoa.
- c) Fática, pois o trecho apresenta clara tentativa de estabelecimento de conexão com o leitor, por isso o emprego dos termos “sabe-se lá” e “tome-se hipotétrico”.
- d) Poética, pois o trecho trata da criação de palavras novas, necessária para textos em prosa, por isso o emprego de “hipotétrico”.
- e) Expressiva, pois o trecho tem como meta mostrar a subjetividade do autor, por isso o uso do advérbio de dúvida “talvez”.

07. Lusofonia

Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada no café, em frente da chávena de café, enquanto alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este poema sobre essa rapariga porque, no Brasil, a palavra rapariga não quer dizer o que ela diz em Portugal. Então, terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café, a menina do café, para que a reputação da pobre rapariga que alisa os cabelos com a mão, num café de Lisboa, não fique estragada para sempre quando este poema atravessar o Atlântico para desembarcar no Rio de Janeiro. E isto tudo sem pensar em África, porque aí lá terei de escrever sobre a moça do café, para evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é uma palavra que já me está a pôr com dores

de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria
era escrever um poema sobre a rapariga do
café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a
escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma
rapariga se pode sentar à mesa porque só servem café ao balcão.

JÚDICE, N. Matéria do Poema. Lisboa: D. Quixote, 2008.

Rapariga: s.f., fem. de rapaz: mulher nova; moça; menina; (Brasil), meretriz.

O texto traz em relevo as funções metalinguística e poética. Seu caráter metalinguístico justifica-se pela:

- a) Discussão da dificuldade de se fazer arte inovadora no mundo contemporâneo.
- b) Defesa do movimento artístico da pós-modernidade, típico do século XX.
- c) Abordagem de temas do cotidiano, em que a arte se volta para assuntos rotineiros.
- d) Tematização do fazer artístico, pela discussão do ato de construção da própria obra.
- e) Valorização do efeito de estranhamento causado no público, o que faz a obra ser reconhecida.